

APRESENTAÇÃO

O intervalo entre a intenção e o ato, feito de acontecimentos inesperados e acasos, assim como o tempo que agiu durante a espera desta publicação intervieram, certamente, no formato deste volume IX de **Sociedade e Estado**. Ele é constituído de uma fusão entre três conjuntos de artigos:

O primeiro, feito de textos obtidos como resultado dos debates do Encontro de Sociologia da Cultura, ocorrido em junho de 92, na Universidade de Brasília, cujo título - "Política da identidade e da diferença" - sugeriu o dossiê deste número temático. Infelizmente, e por razões diversas, nem todas as comunicações puderam ser transformadas em artigos. Publicamos, sob forma de ponto de vista (Sérgio Paulo Rouanet) e resenha (Bárbara Freitag), o que foi um debate vivo de idéias. Deste Encontro saíram os textos de Tânia Swain e Maria Luisa Belloni.

Tratava-se de discutir as articulações entre a cultura global e a local, a mundialização das mercadorias e signos que circulam em escala planetária, a capacidade de persuasão dos *midia* e a força de pressão da nova política das minorias. Tratava-se também de avaliar os efeitos desta cultura mundializada e da racionalidade que a orienta sobre o assim novamente denominado terceiro mundo.

O artigo de Belloni, resultado de pesquisas empíricas extensas, discute o papel socializador assumido pela televisão no Brasil; o de Luis Martins trata do equívoco sucesso da sociedade de consumo ao introduzir, em escala também mundial, a prática do *fast-food*.

O segundo conjunto compõe-se de textos de pesquisadores que, tendo passado e palestrado na Universidade de Brasília, deixaram-nos artigos cujos temas abordam os próprios tópicos em discussão naquele evento: os novos critérios de valoração cultural surgidos nos Estados Unidos a partir dos anos 80, de Georges Yúdice; a construção de identidades por meio de referências particularizantes, como explora, em seu artigo, Eugène Enriquez. Este autor, além de uma requintada apropriação de conceitos da psicanálise para pensar questões relacionadas às identidades coletivas, traz-nos uma discussão a partir do ponto de vista europeu que problematiza o "diferencialismo cultural", mostrando como tem servido de fundamento para o racismo, a xenofobia e para a exacerbação do sentimento anti-imigrante.

Ainda a este grupo pertence o texto de Sérgio de la Pena, que trata da posição da América Latina no novo jogo de forças econômicas implicado no fenômeno da globalização.

O contraponto entre as argumentações dos autores, alocados em pontos geopolíticos distintos, é significativo e, de forma incontornável, revela-nos a ambivalência da ideologia diferencialista, seus usos contraditórios ou opostos, servindo ao mesmo tempo para a conquista do direito à cidadania por subculturas silenciadas assim como para paralisar o imigrante em sua diferença, não permitindo que ele participe da vida cultural do seu país de residência ou escolha.

O terceiro grupo é composto pelos artigos de Howard Winant, Berangère Marques-Pereira e Vera Zolberg que foram enviados à *Sociedade e Estado* e aguardavam publicação. O primeiro contribui de maneira consistente para a compreensão das ideologias relacionadas à raça no Brasil; o segundo para a discussão sobre a ideologia do "interesse geral" na construção das diferenças, detendo-se na análise do caso da Suécia; o terceiro, dedicado à política de financiamento das artes nos Estados Unidos, coloca também problemas de categorias valorativas frente à nova política das diferenças.

Trazendo diversos enfoques, os artigos delineiam interesses comuns de pesquisa, dialogam, divergem e convergem. O que parece acaso pode agir como um revelador sensível de regularidades, tendências teóricas e questões empíricas surgidas no horizonte das preocupações dos intelectuais que compartilham um mesmo momento histórico.

O número constitui assim uma composição entre ensaios voltados ao debate e textos mais elaborados, conclusivos.

"POLÍTICA DA IDENTIDADE E DA DIFERENÇA", o título que agora se publica, indica a natureza necessariamente transdisciplinar do campo no qual se move a Sociologia da Cultura. Não se trata de um conceito de transdisciplinaridade entendido como um acréscimo ou superposição de pontos-de-vista, cada qual emoldurado em uma das diferentes disciplinas. Pensamos o campo dos estudos de cultura como um espaço de trânsito entre conhecimentos, travessia do discurso teórico das ciências sociais pela estética, pela mídia, pela história e pela crítica de arte e da literatura. O título indica ainda a importância assumida pela categoria "diferença" que subjaz ao multiculturalismo. Subculturas, até então invisíveis ou escamoteadas, passaram à afirmação de sua identidade a partir daquilo mesmo que as fazia diferentes e relegadas. Adquiriram direitos à cidadania e ganharam maior visibilidade no espaço público. Mundialização não implica homogeneização, como os apocalípticos

temiam. Ao contrário, com os aparatos tecnológicos cada vez mais sofisticados e a produção ininterrupta de bens para circulação em escala mundial, mais surgem expressões da vida coletiva sustentadas por alguma forma de especificidade. Existe uma globalização sim, porém cada vez mais heterogênea e fasciculada; práticas significantes contemporâneas são atravessadas de maneira ativa pelos novos suportes e estratégias. O *estético* e o *político*, entranhados nas próprias representações, tornam-se dimensões densas, embora difusas, da vida social expressa por meio de imagens, textos e práticas.

Dois dos textos incluídos neste volume apresentam um interesse particular pelo trabalho que fazem de mapeamento de campo. São eles o de Swain, que aponta os novos rumos e pressupostos da historiografia francesa, a partir dos anos 60, e o de Roberto Moreira, que discute a literatura dos "explicadores" do Brasil, detendo-se sobre a obra sempre atual de Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior.

Com este volume IX, **Sociedade e Estado** mantém seu propósito de introduzir "artes" na Revista e acerta os ponteiros e a cronologia pois atualiza a publicação de seus números atrasados. O intervalo e a continuidade rompida não corresponderam ao desejo dos editores; tampouco foi a escassez de bons artigos e idéias originais a serem publicadas que nos paralisou. Ao atualizarmos a edição de **Sociedade e Estado**, sentimo-nos mais contemporâneos de nós mesmos.


Angélica Madeira
Editora